

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIOMEDICINA

HELENA KELLY VIEIRA SOBREIRA CAMILO

**AVALIAÇÃO DA VULNERABILIDADE DE MULHERES SOROPOSITIVAS (HIV)
AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO**

JUAZEIRO DO NORTE – CE
2019

HELENA KELLY VIEIRA SOBREIRA CAMILO

**AVALIAÇÃO DA VULNERABILIDADE DE MULHERES SOROPOSITIVAS (HIV)
AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO**

Artigo Científico apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Biomedicina do Centro Universitário Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharel em Biomedicina.

Orientador: Me. Allan Demétrius Leite de Oliveira

HELENA KELLY VIEIRA SOBREIRA CAMILO

**AVALIAÇÃO DA VULNERABILIDADE DE MULHERES SOROPOSITIVAS (HIV)
AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO**

Artigo Científico apresentado à Coordenação do
Curso de Graduação em Biomedicina do Centro
Universitário Leão Sampaio, em cumprimento
às exigências para a obtenção do grau de
bacharel em Biomedicina.

Orientador: Me. Allan Demétrius Leite de
Oliveira

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof: Me. Allan Demétrius Leite de Oliveira
Orientador

Prof: Esp. Francisco Yhan Pinto Bezerra
Examinador 1

Biomédica: Esp. Eloíza Maria do Nascimento
Examinador 2

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por toda a força que me foi dada durante esse período. Ao meu orientador, Allan Demétrius Leite de Oliveira, pois sem seu auxílio esse trabalho não seria possível, além de suportar todas minhas inquietações e aflições e por passar por todos os percalços sem em nenhum momento pensar em desistir. À minha companheira de orientação, Ana Kainná de Souza, muito obrigada por estar sempre presente, porque sem você tudo teria sido mais difícil. À Gabriela Vieira Sobreira Camilo, Francisco Yhan Pinto Bezerra e Fabrina de Moura Alves Correia, que sempre estiveram dispostos a ajudar, desde aconselhamentos durante momentos de desespero, até a disposição para organizar e realizar a coleta citológica das pacientes, mesmo em dias e horários que muitas vezes não eram favoráveis a eles, muito obrigada por tornar esse processo mais fácil. À toda equipe do laboratório de análises clínicas em Juazeiro do Norte, Ceará, em que foi feita a coleta de dados que sempre se mostrou de portas abertas para a nossa pesquisa. Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus pais, Marilene Camilo e Hélio Camilo e amigos, como Roberta Oliveira, Danyelle Saraiva, Jofre Dantas, Francisco Eduardo e Brenda Hellen por todo o apoio durante esse árduo período e por terem se mantido firmes e pacientes ao meu lado mesmo durante todas as minhas lamentações. Esse trabalho não seria o mesmo sem cada uma das pessoas que fez parte e contribuiu para a sua elaboração, seja direta ou indiretamente, desde já, muito obrigada.

AVALIAÇÃO DA VULNERABILIDADE DE MULHERES SOROPOSITIVAS (HIV) AO PAPILOMAVÍRUS HUMANO

Helena Kelly Vieira Sobreira Camilo¹; Allan Demétrius Leite de Oliveira²

RESUMO

O trabalho tem como objetivo a análise do histórico da carga viral das pacientes portadoras do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), assim como o seu conhecimento a respeito do exame de prevenção e da influência que a infecção pelo HIV tem sobre a infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV). A amostra foi composta por 38 mulheres portadoras do HIV que fazem o acompanhamento da sua carga viral em um laboratório de análises clínicas localizado em Juazeiro do Norte (CE). Para a obtenção dos resultados foi aplicado um questionário, que permitiu que fosse formado um perfil generalista da amostra a respeito da importância do exame de prevenção e da presença de possíveis fatores de risco, que em seguida foi comparado com o grau de oscilação da carga viral de cada paciente desde quando diagnosticada, permitindo a verificação da oscilação dos seus resultados de acordo com o tempo. Pôde-se observar que 44,5% das pacientes apresentou oscilação moderada e acentuada da carga viral, sendo esse um fator de risco para a instalação de infecções secundárias. Foi verificado também que a falta de adesão ao exame é causada preponderantemente pela demora na marcação do horário (34,2%), seguido da falta de interesse (18,5%). A necessidade de estudos que comprovem essa relação, além de campanhas que evidenciem a gravidade da coinfeção e a relevância dos procedimentos de profilaxia, tornou-se ainda mais evidente com os resultados da pesquisa, já que foi verificado que as pacientes portadoras do HIV são pouco adeptas à realização do exame de Papanicolau.

Palavras-chave: HIV. Coinfecção. Exame de papanicolau.

VULNERABILITY EVALUATION OF SEROPOSITIVE WOMEN (HIV) TO HUMAN PAPILOMAVIRUS

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the history of viral load of patients with Human Immunodeficiency Virus (HIV), as well as their knowledge about the Pap smear and the influence that the infection caused by the HIV has on the infection caused by the Human Papillomavirus (HPV). The sample was composed by 38 women with HIV that monitor their viral load at a laboratory in Juazeiro do Norte (CE). A questionnaire was applied to obtain the results, that allowed a creation of a general profile of the sample, regarding the importance of the cervical cytology test and the presence of possible risk factors, which was then compared with the average of the viral load oscillation of each patient since when their where first diagnosed, allowing the verification of the oscillation of its results over time. It was observed that 44,5% of the patients presented a medium and severe oscillation of the viral load, and that is a risk factor for the instalation of secondary infections. It was also found that the lack of adherence to the exam is mainly caused by the delay in scheduling (34,2%), followed by lack of interest (18,5%). The need for studies proving this relation, in addition to campaigns that

¹ Discente do curso de Biomedicina do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, helenakel1998@gmail.com

² Docente do curso de Biomedicina do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, allandemetrius@gmail.com

highlight the severity of the coinfection and the relevance of prophylaxis procedures, became even more evident with the results of this research, as it was found that patients with HIV are poorly adept to the Pap smear.

Keywords: HIV. Coinfection. Pap smear.

1 INTRODUÇÃO

Os vírus são microrganismos intracelulares obrigatórios, pois quando fora da célula do hospedeiro não apresentam capacidade de replicação, sendo totalmente dependentes do metabolismo e funcionamento da célula que será infectada. Entre os mais de 400 tipos de vírus que infectam o homem, a quantidade dos que são patogênicos é relativamente reduzida, e esses causam infecções agudas, crônicas e latentes, como as originadas pelos Vírus da Imunodeficiência Humana e Papilomavírus humano (TAKEI; CASTRO, 2012).

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é um retrovírus envelopado de capsídeo cônico e material genético RNA. Existem dois tipos (HIV tipo 1 e HIV tipo 2), sendo que o HIV tipo 1 é o mais prevalente. O seu processo infeccioso caracteriza-se por alterar as funções das células do sistema imunológico, reduzindo a quantidade de linfócitos T CD4, que são o principal alvo do vírus, e aumentando sua carga viral. A diminuição dos linfócitos T CD4 força o restante das células do sistema imune a se ativarem constantemente para atenuar a velocidade de replicação do vírus, o que causa uma exaustão celular após certo tempo e faz com que o paciente tenda a desenvolver a Síndrome da Imunodeficiência Humana (ABREU et al., 2016; BEZERRA, 2017).

A principal forma de transmissão é através da via sexual, podendo também ocorrer pelas vias parenteral e vertical. De uma forma geral, o diagnóstico é feito com testes sorológicos e moleculares, seguindo o sistema de fluxogramas criado pelo Ministério da Saúde, que foi elaborado para o fornecimento de resultados mais fidedignos. O acompanhamento dos pacientes infectados é feito através da contagem de linfócitos T CD4 e quantificação da carga viral e apesar de não haver medicamentos capazes de curar os pacientes portadores, o tratamento com antirretrovirais é eficiente em diminuir a carga viral e consequentemente em evitar que o sistema imune entre em depleção (BRASIL, 2018; FARIA et al., 2015).

O Papilomavírus Humano (HPV) é um vírus não envelopado de capsídeo icosaédrico e que tem como material genético o DNA. Tem afinidade e infecta o epitélio escamoso, caracterizando-se como a principal etiologia encontrada em mulheres com câncer de colo do útero. Existem cerca de 150 tipos do vírus, dos quais, aproximadamente, 60 têm atração pelo

epitélio escamoso do trato genital, esses são subdivididos em de baixo e alto risco oncogênico de acordo com a sua possibilidade de gerar neoplasias (CÂNDIDO et al., 2017).

Entre os vírus de baixo risco, os subtipos 6 e 11 predominam, causando em geral verrugas genitais e lesões de baixo grau, que na maioria das vezes inclinam-se para a regressão. Já os subtipos 16 e 18 prevalecem como os de alto risco, causando lesões de alto grau e até carcinoma invasivo. A detecção da infecção se dá principalmente pela observação do efeito citopático do vírus através do exame de Papanicolau, que é visto como a principal forma de prevenção do câncer de colo de útero, quando realizado nos intervalos de tempo adequados (SOUZA, 2016).

O quadro clínico de comprometimento do sistema imunológico causado pela presença e efeitos do HIV faz com que o paciente fique vulnerável a qualquer outra infecção, pois os linfócitos T CD4 estão diminuídos. Em diversos estudos realizados, pode-se observar que grande parte das mulheres portadoras do HIV eram igualmente infectadas pelo HPV, o qual atua de forma mais agressiva por estar presente em maior quantidade, ampliando a probabilidade dessas mulheres de desenvolver não só lesões, mas também o carcinoma invasivo no colo do útero (SARDINHA et al., 2015).

O contínuo aumento da quantidade de novos casos e o fato de o câncer de colo do útero ser a quarta principal causa de morte por câncer em mulheres, ressaltam a importância de estudos que esclareçam e detectem os diversos fatores que facilitam o desenvolvimento dessa neoplasia, para que essa possa ser prevenida de forma correta (BRASIL, 2019).

A infecção conjunta pelo HPV mostrou-se um dos principais motivos de desenvolvimento de lesões precursoras do câncer de colo do útero em mulheres portadoras do HIV, que em sua maioria não estão cientes da carga e influência que uma infecção tem sobre a outra. Isso ressalta a importância de estudos que comprovem essa relação, além de campanhas que exaltem a gravidade da coinfeção e a relevância dos procedimentos de profilaxia, para que cada vez mais as mulheres, assim como a população em geral, esteja consciente disso.

Tendo em vista o exposto, o atual trabalho teve como objetivo a análise do histórico da carga viral das pacientes portadoras do Vírus da Imunodeficiência Humana, assim como o seu conhecimento a respeito do exame de prevenção e da influência que a infecção pelo HIV tem sobre a infecção pelo Papilomavírus Humano.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa caracterizou-se como um estudo em campo e exploratório combinado com um estudo descritivo, verificando-se uma abordagem qualitativa e quantitativa das informações (MARCONI; LAKATOS, 2003).

O estudo foi composto por 38 mulheres portadoras do HIV que realizam o monitoramento de carga viral em um laboratório de análises clínicas localizado em Juazeiro do Norte (CE). Participaram do estudo somente mulheres com idade acima de 18 anos e que vieram a consentir mediante assinatura do Termo de Consentimento Pós-Esclarecido. Foram excluídas aquelas que apresentaram conhecidamente alguma outra comorbidade diferente da avaliada neste estudo.

As pacientes portadoras do HIV foram recrutadas a partir do seu cadastro em um laboratório de análises clínicas localizado em Juazeiro do Norte (CE), onde também foi obtida, através de uma coleta de dados, os valores da sua carga viral desde quando diagnosticada, podendo assim verificar o histórico dos seus resultados. Esse histórico foi observado e classificado em três categorias: ausência de oscilação/oscilação leve, oscilação moderada e oscilação acentuada, por meio dos seguintes critérios:

- Ausência de oscilação/oscilação leve: a cada 5 resultados não detectáveis existe a presença de até 1 resultado detectável;
- Oscilação moderada: a cada 5 resultados não detectáveis existe a presença de pelo menos 2 resultados detectáveis;
- Oscilação acentuada: a cada 5 resultados não detectáveis existe a presença de mais de 2 resultados detectáveis.

Antes que qualquer informação fosse obtida, foi fornecido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento Pós Esclarecido, para que a paciente pudesse estar ciente dos riscos e benefícios que acompanhavam o estudo, assim como os seus direitos e deveres.

Posteriormente, foi aplicado um questionário, que através de indagações a respeito da importância do exame de prevenção e da presença de possíveis fatores de risco, permitiu que fosse formado um perfil generalista da amostra, que em seguida foi comparado com o grau de oscilação da carga viral.

O risco eminente do estudo estava relacionado a possíveis constrangimentos que poderiam vir a ocorrer durante a realização do questionário, porém esse fator foi evitado ao máximo, visto que foi feito o possível para que as pacientes se sentissem confortáveis na dada

situação, sempre deixando explícito o fato de que não seriam identificadas e de que suas informações pessoais seriam mantidas em sigilo.

Os benefícios do estudo envolvem a exposição de fatos que caracterizam a maior vulnerabilidade que pacientes portadoras do HIV possuem em relação à infecção pelo HPV, assim como a disseminação a respeito da importância da realização do exame de Papanicolau para o rastreamento das lesões intraepiteliais e prevenção do câncer de colo do útero.

Por último, todas as informações colhidas a respeito da carga viral e as respostas obtidas nos questionários de cada uma das pacientes foram agrupadas, seguido de uma comparação geral entre as respostas para observar o que prevaleceu entre elas. Os resultados foram tabelados em planilhas do *Microsoft Office Excel* 2010 e comparados em gráficos e tabelas no *Microsoft Word* 2010.

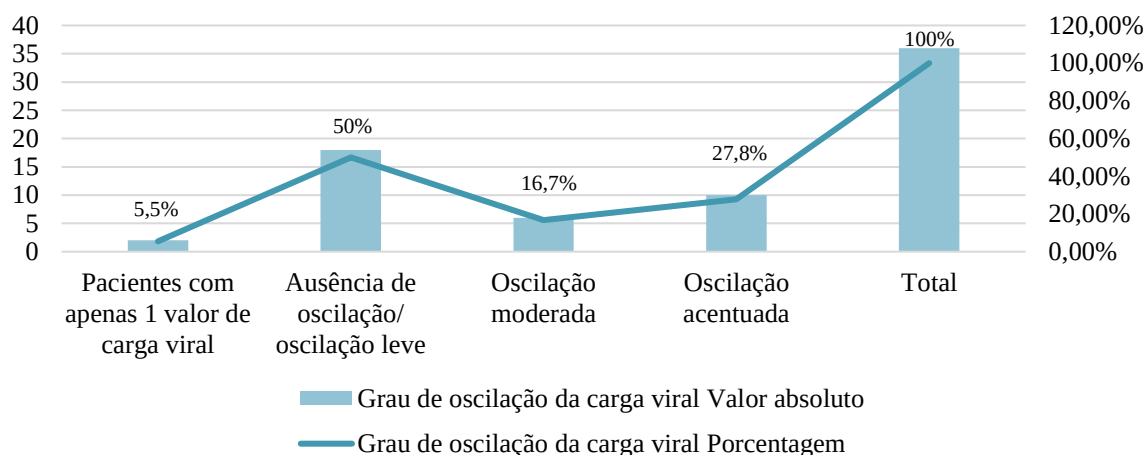
Anteriormente ao início da pesquisa, o projeto foi registrado na Plataforma Brasil e encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Leão Sampaio. A pesquisa obedeceu às normas da resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram obtidos 38 questionários respondidos na íntegra, nos quais foi visto que a idade das pacientes variou de 19 a 88 anos. Em relação ao grau de oscilação da carga viral, foram obtidos 36 resultados, pois não foi possível ter acesso a essas informações de duas das pacientes que responderam ao questionário.

A carga viral das pacientes foi classificada de acordo com o seu grau de oscilação, em: ausência de oscilação/oscilação leve, oscilação moderada e oscilação acentuada. Quanto aos resultados, pôde-se observar, como apresentado no gráfico 1, que a maioria das pacientes não oscilou ou teve oscilação leve (50%), e todas essas apresentaram um valor indetectável de carga viral pelo menos na sua última avaliação.

Gráfico 1: Grau de oscilação da carga viral das pacientes participantes do estudo.



FONTE: Dados do estudo (2019).

A carga viral elevada e consequentemente um histórico de oscilação acentuada, que como observa-se no gráfico acima, foi a segunda classificação mais predominante (27,8%), seguida da oscilação moderada (16,7%), facilita a transmissão do vírus e deixa as pacientes em um estado mais vulnerável para a instalação de infecções concomitantes, como pelo HPV (SARDINHA et al., 2017).

Uma informação relevante para os(as) pacientes que vivem com o HIV foi a divulgação de uma nota informativa emitida pelo Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, do HIV/Aids e das Hepatites Virais, que determinou que o vírus é intransmissível sexualmente por pacientes que vivem com o HIV quando a sua carga viral permanecer indetectável por seis meses, e ao considerar isso, pode-se observar que a maior parte das pacientes que participaram do estudo fazem parte ou estão evoluindo para esse estágio de infecção intransmissível (BRASIL, 2019).

O tempo de exposição ao vírus HIV é também um fator de risco para o desenvolvimento do HPV, pois está diretamente relacionado com a quantidade de cópias e com o efeito imunossupressor do vírus. Dessa forma, pacientes com infecção conjunta dos dois vírus possuem maiores chances de desenvolver lesões intraepiteliais, pois nesses casos, o HPV está em maior quantidade e é mais persistente (GOLÇALVES et al., 2016).

Portanto, pode-se observar que algumas das pacientes participantes do estudo estão mais vulneráveis à infecção pelo HPV, pois possuem, de forma geral, um tempo de exposição ao HIV mais prolongado, tendo em vista que cerca de 13,2% são portadoras do vírus há um período entre 6 e 10 anos e 34,2% são portadoras do vírus há mais de 10 anos (SILVA et al., 2017).

O Ministério da Saúde estabelece que quando a infecção for diagnosticada, o(a) paciente deve ser encaminhado para a realização da terapia antirretroviral, que se realizada corretamente gera a depleção da carga viral até que essa se torne não detectável, contendo sua disseminação (BRASIL, 2018).

Entre as 38 pacientes, 35, ou seja, 92,1% afirmaram que fazem o uso do coquetel para o tratamento, como pode ser observado na tabela 1. Dessas 35 pacientes que fazem o tratamento, 28,6% confirmaram ter interrompido a TARV (Terapia Antirretroviral) pelo menos uma vez.

Tabela 1: Uso da terapia antirretroviral por pacientes portadoras do HIV que fazem acompanhamento da carga viral em um laboratório de análises clínicas localizado em Juazeiro do Norte (CE).

	Valor absoluto	Porcentagem
Sim	35	92,1%
Não	3	7,9%
Total	38	100%

FONTE: Dados do estudo (2019).

Maia et al. (2017) observou durante seu estudo que pacientes que possuíam uma contagem de linfócitos acima de 500 e carga viral indetectável apresentavam uma frequência menor de resultados citológicos positivos. Consequentemente, também percebeu que a não adesão ao tratamento antirretroviral faz com que a quantidade de linfócitos T CD4 diminua e que a carga viral aumente. Esses fatores, por deixarem a paciente em um estado de imunossupressão, incrementam as chances de as mulheres infectadas concomitantemente pelo HPV adquirirem lesões precursoras de câncer.

Dessa forma, ao levar em conta o que o autor supracitado observou em seu estudo, faz-se necessário ressaltar que a pesquisa aqui apresentada detectou 36,5% das pacientes com maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de infecções por HPV, pois essa porcentagem representa as pacientes que não fazem o uso da terapia antirretroviral ou que fazem e interromperam o tratamento em algum momento, aumentando dessa forma a oscilação da carga viral dessas pacientes, e assim fragilizando o seu sistema imune com uma maior destruição de linfócitos TCD4 (GASPAR et al., 2015).

O estudo também permitiu verificar que 97,4% das pacientes acreditam que é importante realizar o exame de prevenção pelo menos uma vez por ano, mas que somente 39,5% realmente respeitam esse intervalo de tempo, como pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2: Frequência de realização do exame citológico por pacientes portadoras do HIV que fazem acompanhamento da carga viral em um laboratório de análises clínicas localizado em Juazeiro do Norte (CE).

	Valor absoluto	Porcentagem
Uma vez por ano	15	39,5%
A cada 2 anos	12	31,6%
A cada 3 anos	5	13,1%
A cada 5 anos ou mais	4	10,5%
Nunca realizei	2	5,3%
Total	38	100%

FONTE: Dados da pesquisa (2019).

O preconizado pelo Ministério da Saúde e citado por Coscia et al. (2016) é que em mulheres imunossuprimidas, seja pela infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana ou por outras causas, o exame citopatológico deve ser realizado logo após o início da vida sexual, inicialmente a cada seis meses, durante o primeiro ano de rastreamento, situação que não foi citada por nenhuma das pacientes, e anualmente, se os dois primeiros resultados se apresentarem negativos. Com isso, é nítida a percepção de que grande parte das mulheres não segue o padrão de rastreamento, como pode ser observado na tabela 2 e isso torna-se um forte empecilho para a detecção precoce das lesões.

De uma forma geral, o esperado é que as mulheres tenham conhecimento a respeito da importância do exame de prevenção, pois após o estabelecimento da Política de Saúde da Mulher, esse exame foi implementado por todas as unidades básicas de saúde, sendo realizado de forma gratuita, o que facilita seu acesso (SMIESKIL; DULLIUS; VENAZZI, 2018).

Diferente dos resultados encontrados em um estudo realizado por Almeida et al. (2015), no qual o motivo mais prevalente para a não realização do exame de prevenção foi o constrangimento no momento da coleta, pôde-se observar que no presente estudo, como verificado na tabela 3, a falta de adesão ao exame é causada predominantemente pela demora na marcação do horário (34,2%), seguido da falta de interesse (18,5%).

Tabela 3: Motivo das pacientes portadoras do HIV que fazem acompanhamento da carga viral em um laboratório de análises clínicas localizado em Juazeiro do Norte (CE) para a não realização do exame cêrvico vaginal.

	Valor absoluto	Porcentagem
Demora na marcação do horário	13	34,2%
Mau atendimento dos profissionais que realizam a coleta	1	2,6%
Constrangimento no momento da coleta	3	7,9%
Trauma da coleta	1	2,6%
Falta de interesse	7	18,5%
Não aceitação do parceiro(a)	0	0%
Não há motivo	13	34,2%
Total	38	100%

FONTE: Dados da pesquisa (2019).

Esses resultados são de certa forma discrepantes do que foi visualizado em prática, pois foi oferecido um serviço de coleta citológica gratuita, realizada por um profissional habilitado, em dia e horário de sua preferência, a todas as pacientes que responderam o questionário e apesar de que a demora na marcação do horário representa o principal motivo, apenas 7 pacientes compareceram para a realização do exame. Isso pode ter ocorrido pelo medo que algumas pacientes relataram de sofrer preconceito dentro do próprio sistema de saúde, pois esse é um estigma que de acordo com um estudo realizado por Villela; Monteiro (2015) se mostra realmente presente.

A falta de interesse e a não adesão à realização do exame, mesmo que em situações convenientes, é algo preocupante, ainda mais que esse padrão foi observado em uma amostra de mulheres portadoras do HIV e que conseqüentemente apresentam maior risco de contrair, desenvolver e ter prognósticos mais danosos pela infecção simultânea pelo HPV (AZEVEDO et al., 2006).

Apesar de existirem diversos fatores que aumentam o risco de contrair infecções sexualmente transmissíveis, como o início precoce da atividade sexual, a multiplicidade de parceiros e a não utilização de preservativos durante o ato sexual, o consumo de bebidas alcoólicas se mostrou um fator também preponderante, como foi observado no estudo bibliográfico realizado por Cardoso; Malbergier; Figueredo (2008).

Esse mesmo estudo demonstrou que o consumo de bebidas alcoólicas está totalmente associado a comportamentos sexuais de risco, como a multiplicidade de parceiros e a não

utilização de preservativo, e isso consequentemente torna favorável a transmissão das IST'S, como o HIV e o HPV (CARDOSO; MALBERGIER; FIGUEREDO, 2008).

No estudo realizado por Gonzaga et al. (2018) pode-se observar resultados semelhantes ao do presente estudo, onde 26,3% das pacientes que responderam o questionário fazem o consumo frequente de bebida alcoólica e podem possuir um fator de risco a mais para a transmissão do HIV e para a contração/transmissão do HPV, que é a relação sexual sem proteção estimulada pela bebida alcoólica.

4 CONCLUSÃO

Em pacientes portadoras do Vírus da Imunodeficiência Humana, a infecção simultânea pelo Papilomavírus Humano caracteriza-se como uma das principais causas do desenvolvimento de lesões precursoras do câncer de colo do útero. A grande maioria dessas mulheres não estão cientes da carga e influência que uma infecção tem sobre a outra, assim como da importância e mudança que o exame de prevenção pode ter durante o seu prognóstico.

A necessidade de estudos que comprovem essa relação, além de campanhas que evidenciem a gravidade da coinfeção e a relevância dos procedimentos de profilaxia tornou-se ainda mais evidente com os resultados da pesquisa, já que foi verificado majoritariamente que as pacientes portadoras do HIV não são muito instigadas a buscar informações a respeito da citologia cérvico vaginal e são pouco adeptas à realização do exame de Papanicolau.

REFERÊNCIAS

- ABREU, S. R et al. Estudo epidemiológico de pacientes com infecção pelo vírus da imunodeficiência humana/síndrome da imunodeficiência adquirida (hiv/aids), Caxias-MA. **Revista Interdisciplinar**, v. 9, n. 4, p. 132-141. 2016.
- ALMEIDA, S. L. et al. Fatores relacionados à adesão ao exame de Papanicolau entre as mulheres de 18 a 59 anos. **Revista de Psicologia**, n. 27, p. 64-81. 2015.
- AZEVEDO, V. N. G et al. Frequência das neoplasias intra-epiteliais cervicais em mulheres portadoras do vírus da imunodeficiência humana adquirida. **Revista Paraense de Medicina**, v. 20, n. 2. 2006.
- BEZZERA, G. S. **Plantas medicinais com potencial ação contra o vírus da imunodeficiência humana**. 2017. 45 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas – Curso de Pós-graduação (mestrado) em Ciências da Saúde, 2017.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução Nº 510, de 7 de abril de 2016. 2016.

BRASIL. INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Controle do câncer do colo do útero: conceito e magnitude.** Brasília, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/control-do-cancer-do-colo-do-utero/conceito-e-magnitude>>. Acesso em: 20 set. 2019.

BRASIL. INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer de colo do útero.** Rio de Janeiro, 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manual técnico para o diagnóstico da infecção pelo HIV em adultos e crianças.** Brasília, 2018.

BRASIL. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Nota Informativa Nº 5/2019 - DIAVS/SVS/MS.** Brasília. 2019.

CÂNDIDO, S. A. et al. Infecção por Papilomavírus humano de alto risco oncogênico em mulheres atendidas no Programa de Saúde da Família da cidade de Serra Talhada, Pernambuco. **Medicina veterinária (UFRPE)**, Recife, v. 11, n. 4, p. 270-278. 2017.

CARDOSO, L. R. D; MALBERGIER, A; FIGUEREDO, T. F. B. O consumo de álcool com fator de risco para a transmissão das DSTs/HIV/Aids. **Revista de psiquiatria clínica**, v. 35, p. 70-75. 2008.

COSCIA, E. B. et al. Co-infecção por HPV em paciente HIV positivo: relato de caso. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 18, 2016.

FARIA, K. R. et al. Comportamentos de risco quando ao Vírus da Imunodeficiência Humana entre caminhoneiros. **Revista Enfermagem Uerj**, v. 23, n. 1, p. 27-32. 2015.

GASPAR, J. et al. Fatores sociodemográficos e clínicos de mulheres com papilomavírus humano e sua associação com o vírus da imunodeficiência humana. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 1, p. 74-81. 2015.

GONÇALVES, B. R. et al. Infecção pelo papilomavírus humano (HPV) em mulheres portadoras de HIV/AIDS. **Revista electrónica trimestral de Enfermería**, n. 44, p. 13-24. 2016.

GONZAGA, W. J. C. et al. Adesão ao exame colpocitológico e comportamento de risco de mulheres portadoras de HIV em relação ao câncer de colo uterino. **Itinerarius Reflectionis**, v. 14, n. 4. 2018.

MAIA, M. C. S. et al. Lesões precursoras do câncer uterino em mulheres HIV-positivo e sua relação com linfócitos CD4 e carga viral do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle – UNIRIO. **Revista brasileira de análises clínicas**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 1, p. 65-69. 2017.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**, 5º ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SARDINHA, R. et al. Infecção VIH e HPV – importância clínica. **Acta Obstétrica e Ginecológica Portuguesa**, v. 9, n. 3, p. 241-249. 2015.

SMIESKIL, A. F; DULLIUS, J. L; VENAZZI, C. B. Fatores associados a não realização do exame de Papanicolau segundo a percepção das mulheres atendidas na UBS dr. Carlos Scholtão município de Sinop/MT. **Scientific Electronic Archives**, v. 11, n. 2, p. 119-132. 2018.

SILVA, B. E. B. et al. Prevalência da coinfeção HIV-HPV em mulheres sororreagentes para HIV de Sergipe. In: International Nursing Congress, 2017.

SOUZA, N. C. C. **Identificação da prevalência de variantes de papilomavírus humano (HPV) no estado de Alagoas e desenvolvimento de “Kit” de detecção e tipificação em amostra biológica**. 2016. 145 f. Tese (doutorado na Rede Nordeste de Biotecnologia) – Universidade Federal de Alagoas, 2016.

TAKEI, K; CASTRO, R. L. C. Infecções virais. In: VAZ, A. J; TAKEI, K; BUENO, E. C. **Imunoensaios: fundamentos e aplicações**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan Ltda, 2012.

VILLELA, W. V; MONTEIRO, S. Gênero, estigma e saúde: reflexões a partir da prostituição, do aborto e do HIV/aids entre mulheres. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 3. 2015.